

É MENINO OU MENINA: DIFERENÇAS ENTRE PAIS E MÃES, FILHOS E FILHAS NOS ESTILOS PARENTAIS

Raquel Alveirinho Correia, APPACDM Castelo Branco, raquel.a.correia@gmail.com
Maria Teresa Ribeiro, Faculdade de Psicologia da Univ. de Lisboa, mteresaribeiro@fp.ul.pt

Resumo: Vários estudos têm demonstrado que pais e mães educam filhos e filhas de forma diferente e que estas diferenças podem influenciar o desenvolvimento das crianças. O presente trabalho tem como objectivo analisar os estilos parentais em participantes adultos portugueses, casados ou em união de facto, com filhos, em função do sexo dos pais e dos filhos. Para tal, foi aplicado o *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – QDEP* (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001, adaptado por Carapito, Pedro & Ribeiro, 2007) para procurar as diferenças nos estilos parentais. A amostra era constituída por 356 indivíduos, 178 pessoas do sexo masculino e 178 do sexo feminino. Os resultados mostraram que estas diferenças estão presentes quando comparamos pais e mães e quando comparamos filhos e filhas. Por fim, os resultados serão discutidos, com base no enquadramento teórico, e apresentadas algumas limitações e hipóteses para futuras investigações.

Introdução

A presente comunicação irá abordar a relação pais-filhos através da análise dos estilos parentais postulados por Baumrind (1971; 1991). Serão ainda analisadas as diferenças entre pais e mães e também entre filhos e filhas nesta variável da parentalidade. O facto de se incluir, também, a influência dos filhos torna-se pertinente, no sentido em que os estudos da família têm incidido maioritariamente na forma como as atitudes e os comportamentos dos pais afectam os seus filhos, estando o efeito dos filhos nos pais bem menos documentado (Katzev, Warner & Acock, 1994).

A complexidade da família, e mais especificamente da relação pais-filhos, pode ser analisada tendo por base um modelo que abarque toda essa complexidade, como é o modelo da **Ecologia do Desenvolvimento Humano** de Bronfenbrenner (1977). Este modelo, segundo o autor, pode definir-se como o “estudo científico da progressiva e mútua acomodação, ao longo da vida, entre o organismo humano em crescimento e os ambientes imediatos, em constante mudança, em que vive” (p. 514). Este processo é influenciado, a um nível mais proximal, pelas relações existentes dentro e entre contextos mais imediatos e a um nível mais

distal, pelos contextos sociais alargados, tanto formais como informais. Assim, o ser humano é colocado no centro, à volta do qual se dispõem os diversos contextos inter-ligados em que se desenvolve, num grau crescente de abrangência.

Seguidamente, descrevem-se os níveis deste modelo mais pertinentes para as relações pais/filhos. O microsistema diz respeito ao complexo de relações entre a pessoa em desenvolvimento e o ambiente num contexto imediato em que está inserida (ex. casa, escola, local de trabalho; Bronfenbrenner, 1977). A este nível importa considerar a relação das crianças com os pais. Tendo em conta que o objectivo do estudo incide nas diferenças, quanto ao sexo, torna-se pertinente efectuar um breve apontamento acerca das diferenças entre homens e mulheres. Partindo de uma perspectiva mais sociológica, em que cada sexo tem determinadas tarefas e privilégios, os homens são considerados como mais dominantes, competitivos e independentes e especialistas em tarefas e aspectos instrumentais (instrumentalidade masculina). Por sua vez, é comum atribuir às mulheres características como o altruísmo, a empatia e a tendência para o estabelecimento de relações interpessoais (expressividade feminina), possuindo papéis mais expressivos e sócio-emocionais. Estas diferenças entre as responsabilidades e domínios de acção entre homens e mulheres são inegáveis e não se pretende que se uniformizem. O cerne da questão está na valorização diferenciada destes aspectos, pois é comum atribuir-se mais poder a actividades desempenhadas tipicamente pelo homem e desvalorizar tarefas desenvolvidas pela mulher (Eagly & Wood, citados por Vieira, 2007). A igualdade de género¹ tem alcançado grande aceitação na sociedade, e assim espera-se que seja cada vez mais provável que os pais tratem igualmente os filhos e as filhas (Carter & Wojtkiewicz, 2000). No entanto, os resultados de estudos recentes sugerem que existem diferenças na parentalidade dos pais e das mães em

¹Neste trabalho ter-se-á em conta a distinção entre sexo e género proposta por uma das revistas científicas mais importantes nesta área – *Journal of Social and Personal Relationships* – em que ‘sexo’ se refere às diferenças biológicas e genéticas entre homens e mulheres, e ‘género’ às diferenciações culturais, psicológicas e sociais, entre homens e mulheres (Ribeiro, 2003).

relação a filhos e filhas, levando assim a concluir-se que a parentalidade é, sem dúvida, uma actividade influenciada pelo género (Starrels, 1994).

O macrossistema diz respeito aos valores e práticas culturais que definem uma sociedade, como a sua economia, estrutura política, tradições e leis e define as oportunidades existentes para as pessoas de uma dada comunidade (Bronfenbrenner, 1977; Leaper, 2002). Também o género, a etnicidade (ou raça) e o nível económico são aspectos intervenientes do macrossistema que, em parte, definem o estatuto da pessoa na sociedade e podem limitar o seu acesso às oportunidades (Leaper, 2002). Especificamente, na relação pais-filhos, as estratégias usadas pelos pais na educação dos seus filhos reflectem as suas adaptações para apoiar na preparação das crianças para terem sucesso na sua cultura. Deste modo, é fundamental ter em conta os aspectos da cultura na qual a criança está inserida, como as crenças e práticas culturais, os significados e o *setting* ecológico. O tipo de práticas de socialização direccionadas a raparigas e rapazes podem reflectir as oportunidades existentes para homens e mulheres numa dada comunidade, num dado período da história. Assim, é necessário considerar a forma como as desigualdades de género na sociedade podem modelar a natureza dos microssistemas de crianças e adultos (Leaper, 2002). Também de acordo com algumas teorias citadas por Pinderhughes, Dodge, Bates, Pettit e Zelli (2000), as respostas disciplinares são criadas num contexto de influências múltiplas que variam desde factores mais distais como a cultura, a etnia ou o estatuto socioeconómico, a factores mais proximais como o suporte social disponível ou a estrutura e processos familiares.

Dado que o objectivo geral do presente trabalho diz respeito à influência das diferenças do sexo dos pais e dos filhos na parentalidade, optou-se pela análise dos estilos parentais para tal, visto estes englobarem as atitudes e os valores dos pais acerca da parentalidade, as suas crenças acerca das crianças, bem como as práticas específicas que empregam para socializar os seus filhos (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 1995). Darling

e Steinberg (1993) definiram estilo parental como sendo uma constelação de atitudes para com a criança, que lhe são transmitidas e que criam um clima emocional no qual os comportamentos dos pais são expressos. Estes comportamentos abrangem as práticas parentais e outros aspectos da interacção entre pais e filhos que traduzem a atitude emocional, como por exemplo o tom de voz ou linguagem corporal. Baumrind (1971; 1991) definiu três estilos parentais diferentes: autoritário, autoritativo e permissivo. Os **pais autoritários** tentam modelar, controlar e avaliar o comportamento e as atitudes dos filhos de acordo com um conjunto de normas de conduta, geralmente absolutas, valorizam a obediência e usam medidas punitivas e com recurso à força para influenciarem o comportamento da criança, no sentido que consideram ser a conduta certa. Esforçam-se por impor valores convencionais como o respeito pela autoridade, pelo trabalho e preservação da ordem e da estrutura tradicional. Não encorajam a troca de argumentos, acreditando que as crianças devem aceitar o que os pais lhes dizem como sendo o mais acertado (Baumrind 1971; 1991). Os **pais autoritativos** encorajam a troca de argumentos e partilham com as suas crianças as razões das suas normas. Exercem controlo em pontos de divergência pais-filhos, sem exagerar nas restrições e estabelecem limites e normas de comportamento num ambiente de calor afectivo. São exigentes e guiam as actividades dos filhos consistentemente e procuram o seu contributo para o funcionamento familiar. Confrontam os filhos directamente, deixam claros os seus valores e esperam que estes respeitem as suas normas. São protectores (não intrusivos), afectuosos e procuram providenciar um ambiente familiar estimulante e desafiante (Baumrind 1971; 1991). Os **pais permissivos** são afectuosos e pouco controladores, concedendo autonomia aos filhos. Tentam agir de uma forma aceitante, afirmativa e não punitiva no que diz respeito aos desejos e acções dos seus filhos. Consultam as crianças acerca das decisões quanto à sua educação e dão explicações sobre as regras da família. A figura parental constitui-se como um recurso para as crianças, mas não como agente activo responsável na

modelagem e mudança do comportamento dos filhos. Permitem que estes regulem as suas actividades, e tentam usar a razão ou sugestão encoberta mas não a confrontação ou poder explícito para atingir os seus objectivos educativos (Baumrind 1971; 1991).

Fundamentando-se nos dados dos seus estudos que englobava uma grande diversidade de amostras de crianças, Baumrind (cit. por Cruz, 2005) pôde concluir que os estilos parentais que os pais adoptam têm consequências diferenciadas nos seus filhos em geral. Deste modo, pais autoritários tendem a ter crianças que são obedientes, mas infelizes e inseguras e não orientadas para o futuro; as crianças de pais permissivos, sobretudo os rapazes, são pouco confiantes em si próprias e têm dificuldades a nível do autocontrolo; finalmente, as crianças cujas figuras parentais se caracterizam por um estilo autoritativo são as mais felizes, socialmente competentes e com capacidades de realização. De acordo com Pereira (2007) as conclusões dos estudos de Baumrind demonstram claramente as vantagens do estilo parental autoritativo, para os filhos de ambos os sexos e para as diferentes fases do desenvolvimento.

Assim, e tendo em conta a importância da utilização dos diferentes estilos na socialização das crianças, importa perceber se pais e mães apresentam diferenças a este nível, para com os rapazes e as raparigas. Diversos estudos (Winsler, Madigan & Aquilino, 2005; Russell, Aloa, Feder, Glover, Miller & Palmer, 1998; Simons & Conger, 2007; McKinney & Renk, 2008) demonstraram que, efectivamente, existem diferenças nos estilos parentais das mães e dos pais relativamente aos filhos e às filhas e que estas diferenças se reflectem no desenvolvimento dos filhos, nomeadamente ao nível da socialização.

De acordo com Jacklin e Baker, citados por Saavedra e Barros (1996), “saber como a socialização do género funciona ajudaria os pais, familiares, professores, (e outros agentes de socialização) a fazer crescer crianças sem as limitações destes papéis. E sem as limitações dos papéis do género haveria maior diferença entre os indivíduos e como tal, maior diferença dentro do grupo das raparigas e dentro do grupo dos rapazes”.

Processo metodológico

Tendo em conta que vários estudos apontam para diferenças na parentalidade consoante o sexo dos pais e dos filhos, pretende-se analisar esta questão numa amostra da população portuguesa, recorrendo para isso a uma variável da parentalidade bastante abrangente: os estilos parentais.

Assim, partindo da questão inicial, este estudo tem como objectivo geral analisar os estilos parentais em participantes adultos portugueses, casados ou em união de facto, com filhos, em função do sexo dos pais e dos filhos.

Com o intuito de cumprir este objectivo formularam-se algumas questões de investigação que servem também para orientar a análise dos dados.

1. Os estilos parentais diferem significativamente entre os pais e as mães na avaliação feita pelos próprios e na avaliação feita pelos cônjuges/companheiros(as)?

2. Os estilos parentais diferem significativamente entre filhos (masculino) e filhas na avaliação feita pelos próprios e na avaliação feita pelos cônjuges/companheiros(as)?

3. Na avaliação feita pelos pais (masculino), os estilos parentais diferem significativamente para filhos (masculino) e filhas?

4. Na avaliação feita pelas mães, os estilos parentais diferem significativamente para filhos (masculino) e filhas?

A amostra em estudo foi retirada de uma conjunto maior, recolhido no âmbito de uma investigação sobre Conjugalidade e Parentalidade a decorrer na FPCE-UL orientada por Narciso, Ribeiro e Ferreira (2008)², no Mestrado Integrado em Psicologia, no Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica. Esta amostra geral foi recolhida pelos alunos que se encontravam a realizar o Mestrado, formando-se assim uma amostra final de 356 pessoas.

² Dado que a investigação ainda está em curso, não existe ainda qualquer publicação sobre a mesma.

A amostra era constituída por 50% (n=178) de pessoas do sexo masculino e 50% (n=178) do sexo feminino, as idades variavam entre os 21 e os 62 anos, com uma média de 40,64 anos (SD=7,269). Quanto ao nível sócio-económico³, 45,8% (n=163) da amostra encontravam-se no nível médio-alto e alto, 41,6% (n=148) no médio e 12,6% (n=45) no baixo. A grande maioria dos sujeitos era casada (93,8, n=334), sendo os restantes solteiros (5,9%, n=21) e divorciados (0,3%, n=1). Relativamente ao n.º de filhos, verificou-se que o valor era muito aproximado para os sujeitos que tinham um filho (41,9%; n=149) e que tinham dois (48,9%; n=174), sendo o valor ligeiramente superior neste caso. Dos restantes sujeitos, 8,7% (n=31) tinham três filhos e 0,3% (n=1) tinham quatro filhos sendo o valor idêntico para os sujeitos que tinham cinco. Da totalidade dos filhos, 94,7% (n=337) eram biológicos, 2,8% (n=10) adoptivos, em 2% (n=7) dos casos existiam filhos de mais do que um tipo e em 0,6% dos casos eram enteados. Relativamente às idades dos filhos, em 43,8% (n=156) dos casos existiam crianças de mais do que uma faixa etária (mistos), em 23,6% (n=84) só existiam filhos em idade pré-escolar, em 15,7% (n=56) só filhos adolescentes (10-17 anos), em 10,1% (n=36) só filhos em idade escolar e em 6,7% (n=24) só filhos jovens adultos. Quanto aos filhos sobre os quais os pais focaram as suas respostas no QEDP, 52% (n=185) eram do sexo masculino e 48% (n=171) do feminino. As idades variavam entre os 1 e 18, com uma média de 9,79 (SD=5,265), sendo que 27,4% (n=97) tinham uma idade entre os 6 e os 10, 27,1% (n=96) menos de 6, 25,7% (n=91) entre os 15 e os 18 e 19,8% (n=70) entre os 11 e os 14.

Para avaliar os estilos parentais recorreu-se ao *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais* – QDEP (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001, adaptado por Carapito, Pedro & Ribeiro, 2007⁴), na sua versão reduzida, que aborda aspectos da parentalidade, e que no caso do sujeito ter mais do que um filho, pedia-se-lhe que respondesse focando apenas um deles. Este questionário é composto por 32 itens, havendo uma primeira parte em que as

³ Para a reclassificação das profissões no nível sócio-económico recorreu-se à classificação de Simões (1994).

⁴ Dado que a adaptação está em curso, não existe ainda qualquer publicação sobre a mesma.

respostas são referentes ao modo como o próprio actua em relação ao seu filho(a), e uma segunda, relativamente à forma de actuação do seu cônjuge ou companheiro(a).

Na adaptação portuguesa deste questionário recorreu-se a uma variante da análise em componentes principais utilizada sobre as ordens dos itens, recorrendo à aplicação a uma matriz de correlação de Spearman – Análise das Ordens (Lebart, Morineau & Piron, 1995). Esta adaptação apresenta na escala ‘Próprio’ um *alpha* de 0,744 para as mães e 0,751 para os pais e na escala ‘Outro’ um *alpha* de 0,770 para mães e 0,777 para pais. Foram obtidos também três factores: autoritativo, autoritário e permissivo com níveis de consistência interna consideráveis. Importa ainda realçar que este questionário tenta contornar uma das limitações apontadas a este tipo de instrumentos. O facto de os sujeitos responderem em relação a si próprios e também em relação aos seus cônjuges/companheiros(as) diminui os efeitos da deseabilidade social, em que os pais têm tendência a procurar dar uma boa imagem de si e em consonância com o que é considerado correcto pela sociedade (Cruz, 2005).

Resultados

Iniciando com uma breve análise descritiva, foi possível constatar, que os pais atribuem valores mais elevados no que diz respeito ao Estilo Autoritativo (Próprio - $M=4,0784$; Outro - $M=4,0225$), seguindo-se o Estilo Permissivo (Próprio - $M=2,015$; Outro - $M=2,2366$) e, por último, o Estilo Autoritário (Próprio - $M=1,9263$; Outro - $M=1,8749$).

No que respeita aos procedimentos estatísticos referentes à análise estatística inferencial do presente estudo, a normalidade das distribuições foi testada para os estilos parentais e, como em nenhum deles se verificaram os pressupostos da mesma ($p < 0,05$), recorreu-se aos testes não paramétricos de Mann-Whitney (na comparação de duas amostras independentes) e de Kruskal-Wallis (na comparação de mais de duas amostras independentes). Neste último, quando foi rejeitada a hipótese nula (ou seja, nos casos em que

se verificaram diferenças significativas) e para se perceber em qual, ou quais, dos grupos as distribuições eram significativamente diferentes, recorreu-se às comparações múltiplas de médias das ordens a partir de amostras independentes (Maroco, 2007). Ainda de referir que, no Teste Mann-Whitney, quando se rejeitou a hipótese nula, optou-se por observar nas ordenações médias qual o grupo superior e dividir-se o *p-value* por dois, visto este teste ser unilateral.

Como forma de organização dos dados optou-se por se ir respondendo às questões de investigação colocadas anteriormente.

1. Quais os estilos parentais que diferem significativamente entre os pais e as mães na avaliação feita pelos próprios e na avaliação feita pelos cônjuges/companheiros(as)?

Através do teste de Mann Whitney é possível concluir-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre pais e mães relativamente ao Estilo Autoritativo Próprio (11145,5; $p=0.000$), Estilo Autoritativo Outro (12826; $p=0,002$), Estilo Autoritário Outro (12426; $p=0,001$) e Estilo Permissivo Outro (13679; $p=0,031$).

Assim, tendo em conta que a média do Estilo Autoritativo Próprio é mais elevada no sexo feminino ($M=4,2077$) do que no sexo masculino ($M=3,9491$), pode concluir-se que as mães se avaliam como sendo mais autoritativas do que os pais se avaliam a si próprios. Ainda de sublinhar que, apesar da não existência de diferenças estatisticamente significativas, os pais avaliam-se como mais autoritários e as mães como mais permissivas.

Quanto à avaliação feita em relação aos cônjuges/companheiros (outros), pode constatar-se que as médias do sexo masculino são mais elevadas nos três estilos, o que significa que os pais avaliam as mães como mais autoritativas, mais autoritárias e mais permissivas do que elas os avaliam a eles.

2. Os estilos parentais diferem significativamente entre filhos (masculino) e filhas na avaliação feita pelos próprios e na avaliação feita pelos cônjuges/companheiros(as)?

O teste de Mann-Whitney permite concluir que existem diferenças estatisticamente significativas entre filhos e filhas relativamente ao Estilo Autoritário Próprio (13565,5; $p=0,020$) e Estilo Autoritário Outro (13230; $p=0,009$).

Assim, tendo em conta que a média do sexo masculino é mais elevada que a do sexo feminino nestes dois parâmetros, pode concluir-se que tanto na sua avaliação como na dos seus cônjuges, os pais (no geral) consideram ser mais autoritários com os filhos rapazes do que com as filhas.

3. Na avaliação feita pelos pais (masculino), os estilos parentais diferem significativamente para filhos (masculino) e filhas?

Ao analisar apenas as respostas dos pais (masculino), não surgem diferenças significativas para nenhum dos estilos, nem na avaliação quanto aos seus estilos, nem na avaliação que fazem acerca dos estilos das mães.

4. Na avaliação feita pelas mães, os estilos parentais diferem significativamente para filhos (masculino) e filhas?

Na análise das respostas das mães, recorrendo ao teste de Mann-Whitney é possível constatar que as diferenças mantêm-se no Estilo Autoritário Próprio (3075; $p=0,005$) e no Estilo Autoritário Outro (3007; $p=0,025$). Assim, dado que as ordenações médias do sexo masculino são mais elevadas que as do sexo feminino, pode concluir-se que as mães consideram ser mais autoritárias com os rapazes do que com as raparigas e que os seus maridos/companheiros são também mais autoritários com os rapazes do que com as raparigas.

Discussão

Da análise global dos resultados, e como consideração inicial, importa referir que os pais que constituíram a amostra em estudo se avaliam a si e aos seus cônjuges como mais autoritativos do que permissivos ou autoritários, o que se apresenta como um aspecto positivo, pois vários estudos mostram que este estilo está associado a características mais positivas nas crianças (Cruz, 2005).

Na análise das diferenças quanto ao sexo, efectivamente, pais e mães apresentam diferenças ao nível dos estilos parentais, o que está de acordo com outros estudos, nomeadamente o de Russell et al (1998).

No estudo de Russell et al (1998) os pais (masculino) avaliaram-se como mais autoritários, tal como no estudo do presente trabalho, apesar de a diferença entre estes e as mães não ser estatisticamente significativa. Como possíveis explicações pode considerar-se o facto de ser comum atribuir-se ao homem características mais ‘instrumentais’ como a independência ou a competitividade e às mulheres características mais ‘expressivas’ como o altruísmo ou a empatia (Vieira, 2007). Também de referir que estas diferenças se podem ficar a dever aos estereótipos mais tradicionais de género em que a mãe é considerada mais afectiva e a responsável pela prestação de cuidados e educação dos filhos e o pai como suporte financeiro da família e figura de autoridade/ disciplina (Monteiro, Veríssimo, Castro & Oliveira, 2006). No entanto, pela análise das profissões da presente amostra, esta não parece ter características muito tradicionais no que diz respeito a este campo, visto a maioria das mulheres trabalharem a tempo inteiro (ao contrário do que acontecia no estudo de Russell et al, 1998). Talvez seja esta a razão para o facto de os pais (masculino) do presente estudo, apesar de mais autoritários, não diferirem estatística e significativamente das mães.

Em relação às diferenças dos estilos parentais consoante o sexo dos filhos, pais (no geral), nomeadamente as mães, consideram-se a si e aos seus cônjuges/ companheiros como

mais autoritários com os filhos do que com as filhas. Estes maiores níveis de autoridade para com os rapazes podem surgir como reacção aos comportamentos destes serem, muitas vezes, mais desafiantes e desobedientes (Lytton & Romney, 1991). Outra possível explicação pode estar relacionada com o facto de os pais considerarem os rapazes mais fortes e mais manipuladores das regras, ao contrário das raparigas, vistas como mais frágeis e menos aptas para se defenderem (Beal, citado por Vieira, 2007). Este resultado pode ainda estar relacionado com a forma estereotipada como os pais percebem as dificuldades na educação de rapazes e raparigas, o que levará a que ajam com as crianças de forma diferente. Assim, ao considerarem a rapariga mais fácil de educar por ser mais obediente, por apresentar maior propensão do que o rapaz a estar junto dos pais, por ser mais perspicaz, mais meiga e menos dissimulada (Lindsey, citado por Vieira, 2007) leva a que pais (no geral) exerçam mais formas de coerção directa, de reforço negativo, mais castigos físicos aos rapazes (Vieira, 2006). Tal também é visível na análise dos itens separadamente, sendo os valores mais altos atribuídos aos rapazes em itens que envolvem castigos físicos.

Globalmente pode constatar-se que os pais (masculino) demonstram poucas diferenças significativas entre filhos e filhas ao nível dos estilos parentais. No entanto, na opinião das mães, estes usam diferentes estilos parentais, o que pode estar relacionado com a ‘expressividade feminina’, tornando as mulheres mais sensíveis e atentas às relações.

Para finalizar, importa referir que apenas se apresentam algumas possíveis explicações para as diferenças encontradas, mas tendo em conta a complexidade das interações familiares, muitos outros factores terão influência nestes resultados e que não foram abordados neste estudo.

Conclusão

Apesar da progressiva liberalização das ideias de pais e mães em relação à educação dos filhos (Vieira, 2007) e da maioria dos pais e das mães tenderem a negar a existência de um tratamento deliberadamente diferencial na sua família (Oliveira, 1994), o presente estudo mostrou que surgem diferenças na forma como pais e mães educam os seus filhos e filhas.

Importa salientar que a existência destas diferenças pode até ser enriquecedora, desde que tais padrões de conduta não limitem as oportunidades de desenvolvimento pessoal e social que a família e outros agentes de socialização proporcionam às crianças de ambos os sexos (Vieira, 2004).

Tendo em conta que este tratamento diferencial pode ser indutor de discriminações com base no sexo, é importante tornar estas diferenças explícitas e tentar eliminá-las. Para tal, seria importante recorrer à educação parental que, na concepção de During (cit. por Vieira, 2007), para além da mera formação parental, engloba também “intervenções sócio-educativas dirigidas a pais e mães com o objectivo de os preparar, coadjuvar e aconselhar na sua tarefa magnânima de educar os seus filhos e filhas” (p.11). Assim, mais importante do que a transmissão de conhecimentos científicos, importa criar espaços de debate, de questionamento de ideias e de reflexão com o objectivo de alertar para mitos e preconceitos relacionados com as diferenças entre homens e mulheres, desmistificando-os. De tal forma, poder-se-á tornar possível que pais e mães alterem práticas educativas indutoras de discriminação. Importa também que estas questões sejam tratadas ao nível da relação de casal (Vieira, 2007).

Como limitações deste estudo poder-se-á apontar o facto de apenas se ter recorrido a questionários para recolha de dados acerca dos estilos parentais dos sujeitos da amostra. Seria importante fortalecer a análise com dados observacionais de avaliadores externos como forma de contrariar a deseabilidade social por parte dos pais e das mães da amostra em estudo. Outra limitação que se pode assinalar diz respeito ao facto de apenas se ter estudado uma

criança por família e generalizado as conclusões para os restantes filhos. Assim, seria importante analisar os efeitos intra-familiares mais detalhadamente. Ainda outra limitação a sublinhar relaciona-se com o facto de apenas se terem obtido os dados junto dos pais. Seria importante investigar também a forma como os filhos percebem estas diferenças e de que forma as mesmas os influenciam no seu desenvolvimento.

Como sugestão para pesquisa futura e, tendo em conta a enorme complexidade da questão abordada, sugere-se o recurso a métodos qualitativos como forma de complementar, aprofundar e procurar as especificidades que influenciam a educação diferencial entre filhos e filhas por parte de pais e mães.

Referências

- Baumrind, D. (1971). Current Patterns of Parental Authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4, 1, 1-103.
- Baumrind, D. (1991). Effective parenting during the early adolescent transition. In P.A. Cowan & M. Hetherington (Eds.), *Family Transitions* (pp. 111-163). Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an Experimental Ecology of Human Development. *American Psychologist*, 32, 7, 513-531.
- Carter, R. & Wojtkiewicz, R. (2000). Parental Involvement with Adolescents' Education: Do daughters or sons get more help? *Adolescence*, 35, 137, 29-44.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting Style as Context: An Integrative Model. *Psychological Bulletin*, 113, 3, 487-496.
- Katzev, A., Warner, R. & Acock, A. (1994). Girls or Boys? Relationship of Child Gender to Marital Instability. *Journal of Marriage and the Family*, 56, 89-100.
- Leaper, C. (2002). Parenting Girls and Boys. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Vol. 1: Children and parenting* (pp.189-225, 2nd ed.). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Lebart, L., Morineau, A. & Piron, M. (1995). *Statistique Exploratoire Multidimensionnelle*. Paris: Dunod Ed.
- Lytton, H. & Romney, D. (1991). Parents' Differential Socialization of Boys and Girls: A Meta-Analysis. *Psychological Bulletin*, 109, 2, 267-296.
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística – Com Utilização do SPSS* (3^a ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- McKinney, C. & Renk, K. (2008). Differential Parenting Between Mothers and Fathers. Implications for Late Adolescents. *Journal of Family Issues*, 1-22.
- Monteiro, L., Verissimo, M., Castro, R. & Oliveira, C. (2006). Partilha da responsabilidade parental. Realidade ou expectativa? *Psychologica*, 42, 213-229.

- Oliveira, J. (1994). *Psicologia da Educação Familiar*. Coimbra: Almedina.
- Pereira, A. I. (2007). *Crescer em Relação: estilos parentais educativos, apoio social e ajustamento: um estudo longitudinal com crianças em idade escolar*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Pinderhughes, E., Dodge, K., Bates, J., Pettit, G. & Zelli, A. (2000). Discipline Responses: Influences of Parents' Socioeconomic Status, Ethnicity, Beliefs About Parenting, Stress, and Cognitive-Emotional Processes. *Journal of Family Psychology*, 14, 3, 380-400.
- Ribeiro, M.T. (2003). *Da Diversidade do Feminino e do Masculino à Singularidade do Casal*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S. & Hart, C. (1995). Authoritative, authoritarian, and permissive parenting practices: Development of a new measure. *Psychological Reports*, 77, 819-830.
- Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S. & Hart, C. (2001). The Parenting Styles and Dimensions Questionnaire (PSDQ). In B. Perlmutter, J. Touliatos & G. Holden (Eds.), *Handbook of family measurement techniques: Vol. 3: Instruments & Index* (pp.319-321). Thousand Oaks: Sage.
- Russell, A., Aloa, V., Feder, T., Glover, A., Miller, H. & Palmer, G. (1998). Sex-based Differences in Parenting Styles in a Sample with Preschool Children. *Australian Journal of Psychology*, 50, 2, 89-99.
- Saavedra, L. & Barros, A. (1996). Elas preferem as bonecas, eles os carros: Aquisição dos Estereótipos do Género. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 1, 149-160.
- Simões, M. M. R. (1994). *Investigação no âmbito da aferição nacional dos Testes das Matrizes Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Simons, L. & Conger, R. (2007). Linking Mother-Father Differences in Parenting to a Typology of Family Parenting Styles and Adolescent Outcomes. *Journal of Family Issues*, 28, 2, 212-241.
- Starrels, M. (1994). Gender Differences in Parent-Child Relations. *Journal of Family Issues*, 15, 1, 148-165.
- Vieira, C. (2004). Educação familiar e desenvolvimento do género: Reflexões em torno de algumas práticas diferenciais em função do sexo da criança. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 38, 1, 2, 3, 49-84.
- Vieira, C. (2006). *É Menino ou Menina? Género e Educação em Contexto Familiar*. Coimbra: Almedina.
- Vieira, C. (2007). *Educação Familiar. Estratégias para a Promoção da Igualdade de Género* (2ªed.). Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Winsler, A., Madigan, A. & Aquilino, S. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 20, 1-12.